AGON
Revista de Filosofia

CONDENAÇÃO DA MEMÓRIA LITERÁRIA: Escritoras brasileiras dos séculos XVIII e XIX

Roberto Nunes Bittencourt[1]

No ensino da história da literatura brasileira, sempre seguimos mais ou menos o mesmo percurso com os nossos alunos. Os livros didáticos não apresentam modificações substanciais nesse sentido. É exatamente o que tenho observado enquanto professor tanto da Educação Básica quanto também do Ensino Superior. Isso posteriormente me levará a algumas considerações inevitáveis e importantes também para a minha discussão que se desdobra neste ensaio. Os autores desses compêndios escrevem uma trajetória da literatura brasileira desde o período colonial, que julgam ser sua gênese, já cometendo um grave negacionismo com o que poderíamos classificar de protoliteratura nos relatos orais dos povos originários das terras que os invasores portugueses chamaram de Brasil. Nesse percurso, eles chegam aos dias atuais. Se trata de uma longa jornada noite adentro, na qual temos apenas, e para o assombro de qualquer pessoa com um pouco mais de criticidade, a presença de nomes masculinos em sua maioria. Sim, temos autoras dispersas nesses períodos da história da literatura. Não em todos, é muito evidente. Basta que você largue o meu texto aqui e procure um livro dessa natureza que poderá comprovar isso por conta própria. Os nomes femininos se detêm basicamente do modernismo para cá. Os séculos XVIII e XIX parecem não ter abrigado mulheres com talento artístico para as letras: é o que esses autores estão tentando nos fazer crer de forma indireta com suas produções.

[1] Professor de Literatura, Língua Portuguesa e Produção Textual. Assessor Editorial e Revisor, contribuindo com a difusão de obras literárias e acadêmicas. Ensaísta, crítico literário e escritor. Possui graduação em Letras pela Universidade Gama Filho (2004), mestrado em Estudos de Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2007) e doutorado em Letras Vernáculas (Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011). Publicou Canções de um Sonhador (poesia, 2002, Scortecci) e Epifania (poesia, 2016, iVentura), além de ter organizado Fortuna Crítica: estudos de Literatura (ensaios, 2008, Arquimedes), Poesia sobre tudo (poesia, 2014, iVentura) e Habitados pela Poesia (poesia, 2017, iVentura). E-mail: robertonbitt@gmail.com

Esse silenciamento da presença feminina na literatura gera inúmeros preconceitos, muitos dos quais já estão extremamente disseminados em nosso meio. O que tais abordagens sugerem é que não havia boas autoras, que não tínhamos nenhuma mulher que tivesse escrito algo tão bom quanto o de escritores como José de Alencar, Gonçalves Dias, Aluísio Azevedo ou Machado de Assis. Sobretudo Machado de Assis: há uma tendência à divinização do escritor, como se fosse o único com legítimo talento para as belas-letras em nosso país em séculos pregressos. Quanto às mulheres, estavam devidamente ocupadas com tarefas domésticas. Não eram capazes de escrever qualquer coisa que merecesse nossa atenção hoje e que nos instigasse a lê-las. Essa depreciação da figura feminina está muito arraigada em nossa sociedade, que desde sempre é patriarcal e racista. Nossos problemas com questões identitárias também são muito visíveis, de modo escandaloso. Fomos um país escravista, nos ancoramos por muito tempo em cima de um mito da igualdade racial. A desigualdade de gênero parece que sequer foi aventada para as discussões. Parecia ser unânime que o lugar das mulheres por aqui não era em espaços públicos. Nem nas ciências, tampouco nas artes, nos esportes ou qualquer outro setor que os homens sempre se destacaram. Na política, isso só sofreu uma alteração sólida em tempos muito recentes e ainda assim não foi suficiente para trazer uma mudança de pensamento entre nós, brasileiros.

Enquanto aqui insistíamos nessa visão grotesca, lá fora o mundo tinha seus nomes femininos de destaque. Significa que aquelas mulheres em outros países não sofreram discriminação e preconceito e também não foram silenciadas, relegadas a papéis secundários ou tentativas de ocultamento, inclusive de sua identidade? Sei que não foi bem assim. Mesmo em tempos recentes isso acontece e tem acontecido. Nosso mundo globalizado e tecnológico ainda carrega muitos problemas com minorias, com grupos que por toda a história foram marginalizados e sofreram com essa política majoritária de negação. Um fato curioso para mim é o de que a autora de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*

publicou esse livro com o pseudônimo J. K. Rowling para que se gerasse nos leitores uma dúvida sobre a identidade de gênero de quem escreveu a obra. Para os editores, parecia não muito auspicioso que o livro fosse associado a uma mulher. Fatos como esse acontecem ainda em pleno século XXI. O que dizer então de autoras espalhadas pelo mundo em outras épocas? Nossa literatura não é um espaço acolhedor para as mulheres: isso aconteceu em toda a nossa história, mesmo quando parecia que as coisas estavam mudando. Sempre percebo entre meus alunos uma restrição muito grande quando solicitado que listem escritoras brasileiras. Entre os nomes figuram, normalmente, no máximo, uma Clarice Lispector, Rachel de Queiroz e Cecília Meireles. É um pouco desolador perceber que para os estudantes e as pessoas de uma forma geral nossas escritoras se resumam a esses nomes. Alguns nomes menos glamourosos simplesmente inexistem, mesmo entre os acadêmicos. Autoras como Cora Coralina, Marina Colasanti e Lygia Bojunga parecem nunca terem existido (ou, no máximo, como citações em frases divulgadas no meio digital). E estou falando de nomes do tempo presente: são todas elas escritoras contemporâneas, cujas obras estão muito próximas de nós.

Estou falando de um fenômeno que está muito entranhado em como o Brasil se constitui nos mais diferentes cenários. Não parece haver espaço para nomes femininos em qualquer área de nossa produção cultural. Ainda restam algumas autoras dos tempos mais recentes, mas somente aquelas que, por diversos motivos, não se consegue mais se desvencilhar. Uma tentativa talvez de criar uma resistência feminina entre nossos autores. Os tempos foram mudando, muitos países apresentaram suas escritoras. Alguns trouxeram nomes que foram silenciados e escondidos à tona; outros fizeram questão de expor suas mazelas e lembrar que elas sempre estiveram lá. Já certas figuras femininas simplesmente não conseguiram ser ocultadas nesse cenário internacional, como é o caso de Mary Shelley, que, embora inicialmente tenha sofrido preconceito e discriminação, não demorou muito

para se impor como uma escritora inestimável. Outras autoras também foram lembradas e aclamadas, não se pôde deixá-las longe dos holofotes.

Virgínia Woolf talvez seja um dos casos mais contundentes. Ela saltou de seu espaço para o mundo e arrebatou todos, se tornando impossível silenciá-la. Escreveu literatura e não-ficção, escreveu sobre a condição da mulher na literatura. No entanto, ela estava muito longe de nós. Nosso país levou um tempo para afirmar que tínhamos uma escritora que pudesse se inscrever com os homens de letras. Talvez não seja equivocado dizer que isso só aconteceu quando Rachel de Queiroz foi eleita para a Academia Brasileira de Letras. O fato mais brutal nisso é que nunca antes uma mulher tinha se tornado "imortal". Isso em si não revela que Rachel de Queiroz, embora muito talentosa, tenha sido a única mulher digna de estar lá. Pelo contrário, escancara que nós tínhamos uma visão muito deturpada do papel da mulher: ela poderia até escrever ficção assim como os homens, mas não se poderia comparar o seu gênio com o deles. Algumas pessoas veem sua indicação para a ABL como um evento histórico a ser festejado. Precisou-se criar um traje para que ela ocupasse sua cadeira (que detalhe medonho). A Academia Brasileira de Letras era tão machista que sequer cogitou que, um dia, uma mulher estaria lá, tendo trajes apenas masculinos. Rachel de Queiroz teve uma merecida entrada no clube de literatos; no entanto, muitas outras autoras já deviam ter pisado os pés ali. Há que se lembrar, por exemplo, de Júlia Lopes de Almeida: ainda que a escritora tenha participando de reuniões e contribuindo para a fundação da ABL, não foi escolhida para figurar entre os imortais da Academia simplesmente por ser mulher. Uma vez que a Academia Brasileira de Letras seguia o padrão francês das academias literárias época, a ABL, fundada em 1897, não aceitava mulheres. Assim, a cadeira 3, que deveria ser de Júlia Lopes de Almeida, foi, então, concedida ao seu marido.

Se nenhuma antes se tornou "imortal" foi pelo simples fato de que a nossa cultura ainda estava muito distante dos ideais revolucionários que propunham a igualdade. O que é uma cultura de fato com toda essa segregação, discriminação e preconceito? Não me parece

que exista qualquer traço de uma cultura real nisso tudo. Pode-se, na verdade, considerar essa uma cultura no limite da barbárie, não uma que forja uma civilização livre e igualitária.

Ainda sobre Rachel de Queiroz, há um fato extremamente curioso em torno da publicação de seu primeiro livro, *O Quinze*. Sua obra foi tão bem-redigida que acreditaram que o trabalho tinha sido feito por um homem. Ao que se acreditava, parecia impossível que uma mulher tivesse escrito aquilo, tanto pelo estilo conciso e seco quanto pelo enredo da obra: não quiseram admitir que se tratava do talento de uma jovem escritora. Se podemos pensar que o fato em si é lamentável, o que dizer de todas as outras autoras que sequer são lembradas na história de nossa literatura? O olhar nunca parece ser sobre o que foi escrito, mas por quem foi escrito. A indicação de autoria leva muitas pessoas a ter um conceito antecipado e muito favorável sobre a obra. Por outro lado, quando o nome por trás do texto não é positivo, a crítica severa e depreciativa já vem pronta. Tenho uma inclinação a me opor ferrenhamente a determinada forma de avaliar um livro. A literatura em si exige um certo cuidado quando se pensa em termos de crítica. Me parece embaraçoso e muito arbitrário criar uma escala supostamente rígida e inamovível de qualidade de determinada obra literária. Nós temos bons livros, bons textos e temos alguns que apresentam alguns descuidos de forma, conteúdo e estilo. Isso não pode ser o suficiente para afirmar, a meu ver, que um texto de um autor é hierarquicamente superior ao do outro em sua integralidade. Bem, alguns aspectos podem sugerir isso, de fato. Mas não a obra em sua plenitude. É mais justo e acertado dizer se um livro é deploravelmente mal escrito ou se o autor conseguiu articular de forma satisfatória ou até mesmo sofisticada todos os elementos necessários para compor sua obra. Isso serve tanto para textos em prosa quanto para trabalhos em verso. Sendo assim, nós podemos dizer se uma escritora escreve tão bem quanto um escritor ou não. Mas seria um tanto controverso afirmar se ela escreveu uma obra melhor ou pior em sua totalidade que *Dom Casmurro* ou *O Cortiço*. Talvez em alguns aspectos a obra possa parecer inferior, mas será que isso se mantém ao examinarmos todos os fatores da narrativa?

E se por acaso ela criou personagens muito mais tangíveis enquanto os de Aluísio Azevedo eram mais caricatos? Por outro lado, ela pode não ter conseguido a profundidade de um personagem como Bentinho, mas em seu texto a sintaxe é muito mais deliciosa e as imagens criadas são muito mais instigantes que as da prosa machadiana.

Se examinarmos dessa forma, por que então há esse abismo na literatura em relação às mulheres? Primeiro, porque muitos críticos literários e estudiosos discordariam de mim. Eles me lembram muito alguns dos professores do filme *Sociedade dos Poetas Mortos* (*Dead Poets Society*, no original), que tinham até mesmo uma escala para medir a qualidade de uma obra literária em verso. Logo, fica claro que para essas pessoas, alguns homens escreveram obras dignas de serem lembradas porque simplesmente eram superiores em todos os aspectos. Elas poderiam, como já afirmei, ter alguns elementos muito bem trabalhados por seus autores, mas eu duvido muito que possamos considerá-las superiores em uma escala tão rígida em comparação a outros trabalhos. Assim, fica fácil também deduzir, dado o contexto patriarcal e misógino, que esses talentos literários exorbitantes eram todos de homens. Eu ousaria ir só um pouco mais além, mas talvez meu texto soasse um tanto heterodoxo demais para muitas pessoas.

Em segundo lugar, porque as mulheres estavam com seus papéis muito bem-definidos em todo o caos que a sociedade machista lhes impunha. Simplesmente, não havia espaços para elas em nossas belas-letras. Elas teriam de esperar um momento mais propício, que estava sempre no futuro. Primeiro é preciso estar atento aos nossos autores, nossos grandes literatos, eles fazem um trabalho exímio e digno de toda a nossa admiração. As mulheres não passam de escritoras secundárias, que fazem ensaios tímidos de escrita, nada para se preocupar. Infelizmente, esse pensamento não é exclusivo de nosso país e de nossa sociedade. Até hoje o mundo ainda tenta afugentar a mulher da literatura, mesmo com tantos nomes espalhados pelas nações afora de escritoras espetacularmente brilhantes. Esse ideário de que não se pode ter uma escritora hábil e muito boa persiste mesmo nos dias

atuais. Eu me lembro de que quando Alice Munro foi laureada com o Prêmio Nobel de literatura, um jornalista ou alguém, tentou elogiá-la, o seu talento inigualável como contista. A metáfora usada foi que ela era um Tchekhov de saia. É um machismo impregnado até os ossos da crítica, que quase majoritariamente é masculina. Por que ela não seria uma Mary Shelley dos contos? Ou por que não tinha um traquejo ímpar que rivalizava com Tchekhov, já que se queria tanto fazer alusão ao autor russo? Finalmente, se tivermos de apontar um motivo ainda mais forte para que não exista tantos nomes de mulheres na literatura sendo lembrados é que fizeram com que elas acreditassem que não tinham talento para fazer isso, que não tinham talento para escrever. Esse último, na verdade, se trata do que estamos cultivando no presente e para o futuro. Dentro de nossas escolas, como está o protagonismo na autoria feminina? As meninas estão tendo espaço para escrever? Será que não estamos novamente silenciando as mulheres, seus temas, suas narrativas, seu estilo, sua forma de criar mundos tão fantástico e às vezes até mais extraordinários que os dos homens? São perguntas que nós devemos fazer não apenas se ocupamos um lugar de influência na formação das futuras gerações, mas acima de tudo como leitores. Quando você lê uma obra e sabe que é uma autora, como você se comporta? Será que não menospreza aquele trabalho? Será que não faz logo um comentário depreciativo de sua autora, dizendo que parecia que tinha sido escrito por um homem? Só para citar um exemplo: Agatha Christie é simplesmente fabulosa com tramas policiais, de uma forma que não se pode nem comprar em termos narrativos aos trabalhos de Conan Doyle (eu posso escrever não um ensaio, mas um livro inteiro sobre isso). No entanto, existe uma insistência em achar que o único autor policial britânico digno de nota é Doyle.

Em nosso país, a coisas podem se tornar ainda mais espinhosas. Um fato ainda mais alarmante é que temos autoras recentes muito premiadas e elogiadas pela crítica internacional, no entanto, por aqui elas parecem sequer terem um dia escrito algo. Muito recentemente, tivemos uma polêmica envolvendo uma autora brasileira com uma obra

literária invejável e sua nomeação para a ABL. A escritora Conceição Evaristo escreveu o primoroso *Olhos d'água*, uma seleção de contos em que explora diversos temas sociais com uma prosa quase lírica estonteante. Mesmo assim, quando indicada para a ABL foi categoricamente rejeitada. Muito se discutiu sobre isso, principalmente sobre o fato de ela ser uma escritora negra. Isso não tem como não ser aventado em nosso país, uma vez que temos um legado hediondo de escravidão e discriminação racial que se prolonga até agora. Mesmo entre os autores homens, tivemos um caso de autor negro que foi sistematicamente afugentado para não macular a nossa literatura e somente em tempo muito recente passou a ter mais atenção sobre sua obra inestimável. Aliás, ainda em relação a Conceição Evaristo, a pífia justificativa foi que a autora não soube fazer campanha, já que não visitava os acadêmicos, não lhes enviava mensagens: em suma, não compactuou com a politicagem necessária para conquistar votos e assumir uma cadeira. É difícil, então, não pensar que a mulher seja tangenciada ou esquecida em nossa literatura por uma discriminação de gênero exclusivamente, em todos os casos. É claro que vamos encontrar motivos também econômicos e raciais mesclados a essa visão preconceituosa e depreciativa da qualidade de nossas escritoras. Se você folhear uma obra de referência da literatura brasileira, vai encontrar essa lacuna quando procurar autoras. Você pode fazer um teste rápido enquanto lê este ensaio, deixando-o de lado e procurado o primeiro compêndio de literatura que encontrar. O vácuo está sempre lá. Essa experiência é tão deplorável que se estende até mesmo a tudo que é publicado e disseminado em nossa sociedade, até mesmo nos canais oficiais. As nossas intelectuais, as nossas escritoras, as nossas artistas das palavras não merecem espaço, não merecem respeito, reconhecimento, atenção. Sua obra tem sido sistematicamente deixada de lado, com pouco cultivo entre até mesmo os especialistas.

Quando escrevi um ensaio sobre a lírica de Amanda Lovelace, uma autora estadunidense, me veio o desejo insaciável de me aprofundar mais sobre essas questões. Em um de seus livros, Lovelace fala muito sobre o silenciamento da mulher. Eu comecei a pensar

em nossas autoras, tanto poetas quanto prosadoras. Principalmente, comecei a pensar naquelas que eu não conhecia muito bem, que entrei em contato por acaso, uma vez que elas nem pareciam ter existido de fato, se assemelhavam mais a uma personagem de outro tempo. Então, eu fiz uma pesquisa rápida no site de indexação de obras sem propriedade intelectual, o Domínio Público. Eu tinha o nome de diversas autoras, mas só encontrei obras de apenas três delas. Para publicizar isso, resolvei escrever o ensaio e falar brevemente sobre justamente essas três autoras que podem se considerar felizardas por ainda ser possível encontrar algum ou alguns de seus textos em um portal que contém a obra de muitos outros autores do mesmo período e igual relevância. Quanto às demais, foram silenciadas até mesmo nos bancos de dados. Na maior e mais acessível biblioteca do mundo, a internet, não se encontra absolutamente nada sobre elas. Caso eu quisesse escrever sobre suas obras e vidas, teria de procurar em institutos, museus e outros acervos: talvez durante anos. Antes de falar sobre essas autoras, é preciso retomar o mote deste ensaio: a condenação da memória literária. Fazer essa espécie de resgate e ao mesmo tempo apologia de alguns nomes esquecidos é um acréscimo à esta exposição que julguei mais que necessário. Se estamos evidenciando o que foi feito às mulheres, é claro que não poderia deixar de fora uma homenagem a algumas dessas grandes artistas que mereciam estar em todas as obras de história da literatura em nosso país. Quando descobri que tão poucos nomes tinham suas obras disponíveis mesmo no Domínio Público, para mim foi de uma tristeza descomunal. Isso torna inviável até mesmo um trabalho de resgate por parte de outros profissionais que possam se apoderar de tais informações sobre essa condenação da memória literária. Como vamos promover qualquer tipo de mudança nesse cenário se não encontramos quase nada ou absolutamente nada sobre nossas autoras? Elas foram deixadas de lado, suprimidas: não apenas dos livros didáticos e outros compêndios sobre literatura: elas foram arrancadas de nossa cultura, como se nuca tivessem pertencido a ela.

Esse movimento, seja ele impulsionado pela política ou apenas os comportamentos de pessoas, grupos e instituições, que leva a um silenciamento da literatura feminina, está por toda a nossa história da literatura. Se pegarmos um livro de história de nosso percurso nas letras, você vai encontrar no período mais remoto apenas autores. Isso significa que só existiram escritores como Antônio Vieira ou posteriormente Tomás Antônio Gonzaga? Não sabemos ao certo e nem teríamos como saber com precisão sem um estudo mais aprofundado em que historiadores e críticos literários pudessem esquadrinhar o período colonial em busca de respostas. Seria preciso uma prova documental e um tratamento mais crítico e engajado para encontrar tais respostas às nossas indagações. O que sabemos, de qualquer modo, é que não encontramos quaisquer indícios em estudos feitos até agora. Não há uma preocupação direcionada para isso, é simplesmente como se isso de fato não importasse tanto assim. Que impacto traria para a nossa literatura se pudéssemos identificar mais autoras, desde o Barroco até o Parnasianismo? Em todas as ópticas que enxergamos, parece ser uma questão desprovida de sentido.

Mesmo em uma sociedade que sempre afirma um discurso igualitário, nas artes, na literatura, parece que isso foi esquecido. Essa recusa da importância de nossas autoras, sem que pudessem ser examinadas pela crítica, tendo seus trabalhos avaliados e equiparados a de outros autores, é o que chamamos de condenação da memória literária. Note que essa condenação é apenas da autoria feminina, em nosso tratamento atual, mas há casos de autores negros, bem como pode muito bem haver de outras minorias. Essa postura é quase institucional, uma vez que parece que nesse âmbito político está fincado uma atitude de recusa quanto a essas figuras. Tanto a publicização quanto o consumo de determinadas obras estavam condicionados às figuras dos autores: se eram homens que socialmente poderiam ser reverenciados. Estou falando de tempos mais remotos, mas esse mesmo padrão de comportamento está presente também em dias atuais. Quando observamos essa condenação da memória literária, percebemos o quanto nossa literatura como um corpo

social e orgânico, capaz de transformar de fato a mente das pessoas, atingindo sua sensibilidade, cativando-as de forma emotiva, como todo texto literário deve fazer, sofreu um prejuízo inestimável. Toda essa carga emotiva, todo esse frescor, toda essa gama de qualidades estéticas que são evocadas pelos tipos humanos sofreu uma enorme e desconcertante distorção, isso porque faltava a alma feminina de forma majoritária. Sempre o que tivemos foi uma presença irredutível de homens. Se você perguntar a qualquer estudante qual poeta mulher ele conhece de nossa literatura, é quase certo que o único nome a ser lembrado será Cecília Meireles. Isso quando ele não souber mencionar nenhum. Mas faça uma pergunta levemente distinta, qual o nome de poetas homens ele lembra. Bem, ele será capaz de lhe indicar alguns. É um exercício bem rotineiro em sala de aula, que nós professores muitas vezes sequer percebemos as implicações de seus resultados. A partir do momento que passei a observar que isso se tornava um padrão, por indução, passei a crer que é na verdade um reflexo de toda a nossa sociedade.

A partir do momento em que essas autoras são ignoradas e deixadas de lado, mesmo tendo uma produção literária significativa e valiosa, nós nos perdemos enquanto sociedade. Parte de nossa identidade se perde, como se nossa memória fosse de fato fragmentada e jogada fora em sua parcialidade. Deixamos de ser uma nação que teve um passado e uma história com genialidades que ajudaram a construir nosso imaginário. Esse legado é perdido e faz com que o nosso presente seja menos expressivo, que ele seja incompleto. Se trata de uma ruptura com que nós somos de verdade, com aquilo que nos faz ter um passado comum, uma cultura comum, uma identidade comum. Tudo isso é mutilado, deixando que talentos que ajudaram a moldar nossa civilização, em um fluxo de descontinuidade e de abandono que nos torna quase estéreis, mas que certamente nos torna infiéis. A literatura que temos nos livros não é nossa, não reflete quem somos e nem quem fomos: não fala de nossa diversidade e de nossas singularidades: é uma arte que não nos pertence porque está parcialmente destruída, estilhaçada e apagada. Em nossa literatura, a presença das

mulheres é esperada, mas nunca encontrada. É uma sentença deplorável com a qual não podemos nos isentar de tentar reverter. Por que as mulheres em nossa trajetória literária foram suprimidas? Por que houve essa condenação da memória literária? Já me detive em uma resposta para isso. Se trata, entre outras coisas, de um preconceito societário arraigado. Em momento algum, você encontrará trabalhos dessas autoras que não mereçam destaque. Não custa, aqui, deixar bem que claro que elas escreviam tão bem quanto alguns de nossos escritores homens; em certos casos, podemos afirmas que algumas de suas obras eram ainda melhores, mais expressivas, do que a de muitos de nossos autores. Já deixei bem claro o que penso sobre a equiparação de obras literárias e elas serem consideradas superiores ou inferiores. É uma ideia que, para mim, não se sustenta: tratar a literatura como ela fosse uma ciência exata ou se aproximasses da Matemática. Talvez os naturalistas e parnasianos ficassem bem à vontade com uma ideia como essa, mas outras escolas literárias a tomariam como absolutamente inconcebível. Dito isso, é importante ter em mente que as obras e autoras que mencionarei a seguir possuem trabalhos, que serão apontados, que podem se equiparar em qualidades a tantos outros da nossa literatura escrita tanto por homens quanto por outras autoras que não foram silenciadas em nossa história. Isso não quer dizer que estou afirmando que suas produções se encontram em uma escala hierárquica: quanto a isso, não acho prudente fazer com nenhum livro em relação a nenhum outro.

Entre os séculos que temos um silenciamento da produção literária feminina que merece destaque, e em torno do qual pude encontrar algo com uma pesquisa mais singela, estão os XVIII e XIX. Inicialmente, pensei em escrever sobre autoras apenas do século XIX, que me parece avultar muito mais trabalhos masculinos. No entanto, encontrei um trabalho de uma autora do século XVIII que não me permitiu seguir com o intento anterior. Assim, eu trarei essas três autoras. Minha análise a seguir se detém em um levantamento de informações em sites populares, bem como na produção que encontrei dessas autoras no site Domínio Público, um dos poucos que nos permite ter acesso a obras que não são

protegidas por direitos autorias e estão nas editoras com edições simples ou luxuosas. Se você pesquisar alguns livros de determinados autores, nem sempre você encontrará no mercado editorial, nem mesmo uma simples edição de bolso ou livro digital. O Domínio Público, nesse sentido, tem contribuído muito para a leitura de certas obras de alguns de nossos nomes da literatura, principalmente de tempos mais remotos. No entanto, nesse caso de nossas autoras, até ele nos deixou com uma lacuna vergonhosa.

É interessante notar, para o leitor isso deve ser esclarecido, que iniciaremos com uma autora do século XVIII: Teresa Margarida da Silva e Orta foi a autora do primeiro romance em língua portuguesa escrito por uma mulher. Esse fato notável é simplesmente ignorando por nossa sociedade. Por que nunca ouvimos falar de Teresa Orta nas escolas? Ela foi uma das vítimas dessa condenação da nossa memória literária. Seu livro possui uma trama política e que se coaduna com o contexto de seu tempo, revelando seu gênio crítico e sua destreza para tratar de temas polêmicos. A obra também toca na condição da mulher e é escrito com todos os predicados de um texto cinematográfico, que prende a atenção do leitor do começo ao fim. Se temos todos esses fatos que depõem a favor da autora, nada justifica sua exclusão de nossa história da literatura. *As Aventuras de Diófanes*, sua obra, não é um livro que esteja no mercado editorial. Se você o procurar, irá encontrar uma edição muito antiga, vendida em sites de livros usados. Quanto às nossas editoras, que publicam tantos livros estrangeiros todos os anos, esquecem nossas autoras com obras tão instigantes como essa. Mais uma vez, fica claro que nossa cultura literária feminina tanto é esquecida quanto subvalorizada, não somente dentro dos círculos acadêmicos quanto também pelas pessoas que supostamente estão interessada em veicular o que há de mais grandioso em nossa arte. A edição de *Aventuras de Diófanes* a que tive acesso pode ser encontrada no referido site Domínio Público. Se trata de uma versão digital em PDF com curadoria da Fundação Biblioteca Nacional. Se você já tentou encontrar livros raros, e se os encontrou no Domínio Público, já deve ter tido acesso a outros livros com essa mesma curadoria da Fundação

Biblioteca Nacional. Ainda assim, é imprescindível destacar alguns pontos, que a mim parecem confirmar que nossas autoras são tratadas com descuido mesmo quando supostamente está se fazendo um trabalho de resgate ou valorização de sua produção artística. O livro de Teresa Orta não possui sequer uma editoração de qualidade, dificultando muito a sua leitura. Além disso, a obra não traz nenhuma informação sobre a autora: é um texto que não ajuda em nada quem tenta entrar em contato com Orta e seu prodigioso trabalho. Quando você pesquisa sobre ela em alguns indexadores, pouco encontra. Eu tive a sorte de me deparar com um excelente artigo sobre o livro *Aventuras de Diófanes* por uma estudante da USP. Sobre esse fato, talvez seja melhor me abster de tecer qualquer comentário, soa no mínimo controverso que não tenha nenhum informe mais robusto sobre Teresa Orta veiculado entre nós.

Do século XIX, eu quero começar com Carmen Dolores, uma vez que achei algo muito curioso ao pesquisar sobre essa autora. Sobre Dolores, temos poucas informações em sites esparsos. O pior de tudo, a me ver, é que quase inexistem exemplares de sua produção literária. Embora se afirme que ela foi jornalista, contista, poeta e também tenha escrito peças de teatro, não se encontra nenhum vestígio de seus textos. É como se simplesmente quisessem dizer que temos aqui uma autora, do jeito que a sociedade exige, mas não precisa se preocupar com o que ela escreveu. Se tudo que desejam é um nome feminino, aqui está ele, não nos peça nada mais. De que forma poderíamos usufruir do talento de Dolores senão nos dedicando à degustação de seus escritos? Não nos permitem fazer isso, não como fazem com outros autores do mesmo período. Mais uma vez, é uma jornada hercúlea encontrar algo aqui, e tudo que consegui foi um de seus contos, *A Luta*, que está em uma edição ainda mais descuidada que a de Teresa Orta. O conto *A Luta* é escrito dentro de uma estética muito comum no período, possível de se identificar em trabalhos de outros autores tanto da mesma época quanto posteriores, em que podemos encontrar uma influência nítida de nomes como Raul Pompéia, Aluísio Azevedo e Machado de Assis. O mais interessante sobre

esse conto é que sua edição registrada, até onde eu pude apurar, consta de 1911, ano da morte de sua autora. Não é possível dizer se foi uma primeira edição ou se era uma obra de compilação, talvez até mesmo póstuma. O texto é escrito de uma maneira bem concisa em uma prosa fluida e com uma sofisticação muito visível. Dolores consegue dois feitos espetaculares em seu trabalho curto: (1) criar personagens extremamente complexos e (2) diálogos que não parecem artificiais, mas que se ajustam muito bem à persona das figuras que ambientam a obra. Tais predicados nós encontramos em textos de outros autores tanto do século XIX quanto dos posteriores. Até mesmo hoje, é um tanto complicado encontrar escritores que consigam conciliar esses elementos em obras curtas ou longas, revelando o legítimo talento de Dolores.

Encerro meu ciclo de análise com esse recorte com Júlia Lopes de Almeida, que não é um nome tão ignoto assim em alguns círculos sociais e intelectuais. Muito recentemente, um de seus livros despertou bastante interesse por tratar de um período bem problemático de nossa história e apareceu como indicação em cursos, eventos educativos e meios acadêmicos. Então, por isso, podemos considerar que ela não sofreu com a condenação da memória literária? De forma alguma, basta lembrarmos que apesar de ter sido uma das idealizadoras da ABL, não estava entre seus membros do início da instituição. Fica evidente o preconceito de gênero, que foi mantido nos séculos seguintes, já que ela também não está nos livros de história da literatura ao lado dos outros membros da ABL. Suas obras foram também esquecidas, ressurgindo posteriormente através de um trabalho de reconsideração de uma produção literária do período em que viveu, assim chegando tanto ao seu nome quanto ao brilhantismo de sua obra. O mais curioso em torno de Júlia Lopes de Almeida é que ela esteve em exercício em um período de intensa produção literária no Brasil, inclusive, escrevia para periódicos, que era algo muito comum entre outros literatos. De alguma forma, seu nome se sobrepõe aos das outras autoras, o que não significa, como já afirmei, que sua obra seja superior, uma vez que não faço esse tipo de equiparação. No entanto, ela é

notavelmente a mais conhecida entre as que apontei neste ensaio. Seu romance de 1901, *A Falência*, conta inclusive com uma edição popularesca pela Cia das Letras. A minha crítica, aqui, segue a mesma da edição digital de Aventuras de Diófanes, não se trata de um exemplar muito atraente. É, na verdade, uma edição folhetinesca e sem mesmo uma capa que se adéque ao seu conteúdo, revelando o pouco interesse pela narrativa e o impacto social da autora. Claro que ainda assim é melhor do que não encontrar em lugar algum os seus textos, como acontece com Carmen Dolores, que só conta com um de seus contos no Domínio Público. Aliás, nesse site, podemos encontrar diversas edições digitais de Júlia Almeida, sendo que a que me chamou a atenção foi o livro *A Intrusa*, com a curadoria da Universidade da Amazônia, que também fez esse mesmo trabalho com diversos livros de outros autores e autoras brasileiros. Nesse caso, o texto é relativamente muito mais bem-cuidado que o da Fundação Biblioteca Nacional. Embora a editoração não seja de um profissionalismo invejável, ela permite uma leitura muito mais confortável em qualquer dispositivo que o leitor faça uso.

Tudo que foi dito sobre a produção literária de Teresa Orta e Carmen Dolores pode ser replicado acerca de Júlia Almeida. Sua prosa é muito direta, bem como sua narração usa muito de cenas e pouco sumário. A trama é construída à medida que avançamos em descrições sinóticas e diálogos muito dinâmicos, em que os personagens são delicadamente traçados em seus predicados essenciais. A autora cria imagens muito nítidas e precisas, fazendo com que o leitor seja tragado pela trama. Fica muito evidente que seu talento era anacrônico, uma vez que essa estética está muito mais presente em autores do século XX. De uma forma ou de outra, Júlia Lopes de Almeida também foi muito precoce temporalmente em seus temas e na forma como usou a literatura. Ela também era uma defensora do abolicionismo e escreveu sobre questões que envolviam toda a sociedade desse momento de transição da monarquia para a república. Uma autora que foi ocultada mesmo com todo o talento que saltava de seus textos, em cada personagem e em cada entrecho que

era capaz de criar com um gênio transbordante. Mais uma vez, só podemos lamentar que mais um nome tenha sido apagado de nossa trajetória literária, nos fazendo acreditar que não tínhamos uma mulher tão hábil para nos emocionar e instigar com seus escritos. Teresa Orta, Carmen Dolores e Júlia Almeida podem ser considerada sortudas dentro do que chamamos aqui de condenação da memória literária. Nós encontramos na internet e em alguns sites material sobre elas. É claro que não podemos dizer, como já ficou claro, que se trata de um rico material a despeito de elas estarem ausentes dos compêndios de história da literatura. Talvez com revisões e atualizações desses livros alguma delas possa ser incluída. Mas é muito mais provável que sejam apenas algumas para preencher cotas, tentando afirmar que a nossa sociedade mudou nesses aspectos e que não somos mais machistas e misóginos. No entanto, eu pude constatar que há uma lista de outras autoras que simplesmente é como se nunca tivessem segurado uma pena. Seus nomes foram de fato apagados, nada se encontra sobre elas, não é possível estudá-las de forma simples e talvez até mesmo em acervos e locais de guarda de documentos antigos tenhamos um enorme trabalho para localizar seus escritos e informações biográficas sobre elas. Essa é a face mais cruel dessa condenação da memória literária: alguns nomes são muito mais difíceis de se resgatar desse limbo literário. O mais triste disso tudo é que sim, reconhecemos que lá também estão alguns autores, mas em sua maioria o que temos são autoras mesmo, com muito talento e textos incríveis que não teremos a oportunidade de ler.

Já por outro ângulo, temos um aspecto mais suave dessa condenação da memória literária, que mencionei brevemente acima: a de negligência com a obras dessas autoras. No caso de Dolores, só encontrei um de seus textos e em formato digital, é como se as editoras e publicadores dissessem claramente que ela não é tão interessante assim para o mercado. Já temos alguns nomes seletos, que estão ali para representar o feminino na nossa literatura, não precisamos dessa outra desconhecida de outro século. Com Teresa Orta acontece algo muito semelhante, apesar de seu livro ser um texto excepcional, sua edição é antiga e não há

reedição ou nova edição. Nesse caso, novamente temos de recorrer ao formato digital para ler o seu trabalho. Em se tratando de Júlia Lopes de Almeida, observei uma sutil mudança, um livro publicado pela Cia das Letras. Ainda assim, se trata de uma edição descuidada e sem nenhum atrativo para compra; do ponto de vista comercial está fadada ao fracasso editorial. Isso estou falando de autoras que encontrei algo, inúmeras outras não tiveram a sorte de contar sequer com um de seus textos no site Domínio Público, seja com curadoria da Universidade da Amazônia ou da Fundação Biblioteca Nacional.

Tanto para nós, professores de literatura, que tem contato com tantos nomes, com tantos escritores e escritoras, quanto para os leitores de modo geral, é extremamente danoso quanto não encontramos determinada obra. A única forma de conhecer um autor ou autora é através de seus escritos, examinando, fruindo de seu trabalho magistral, ou, em alguns casos, lamentando ter se dedicado a tal leitura. Quando não temos sequer a possibilidade de ter acesso a esses textos, o que acontece é uma privação sem-igual de nosso próprio patrimônio cultural. Todos esses nomes esquecidos tornam nossa identidade literária mais opaca, sem fulgor e com uma lacuna que não se pode preencher de nenhuma outra forma. Isso nos leva um estado de regressão, de estagnação, de depreciação de nossa própria civilização, que cometeu tamanha atrocidade com suas artistas. Parte do processo de reparação começa com trabalhos como este, com um caráter de denúncia, de exposição do que foi feito e do que se deixou de fazer por nossas autoras ao longo do tempo, e não somente pela crítica, mas também por grupos e instituições de nossa sociedade. Em minha singela pesquisa para escrever este ensaio, eu encontrei nomes como o de Teresa Orta, Carmen Dolores e Júlia Almeida que estavam ainda inscritos e um grupo de autoras que nós encontramos seus vestígios. Outros nomes sequer eu pude confirmar, uma vez que não encontrei nenhuma informação em fontes fidedignas sobre aquelas escritoras. Esse traço lamentável de nossa percepção sobre as artistas das palavras em nosso país nos deixa com muitas perguntas e um sentimento de revolta. Tentamos todos os dias construir uma

sociedade mais justa e fraterna, mas isso não tem avançado de forma satisfatória. Há, certamente, ainda muitos outros nomes ausentes em nossa história literária por tipos similares de discriminação e preconceito. Não podemos esperar que nosso país se torne a pátria que tanto almejamos enquanto isso acontecer. O que mais me deixa desolado é que mesmo entre os estudiosos e críticos, isso parece ser uma questão insignificante. Tantas revistas científicas, periódicos, sites e blogs sobre literatura e infimamente há um movimento para um trabalho de resgate e valorização. Assim como Marx, em seu *Manifesto Comunista*, eu não posso deixar de conclamar todos vocês a seguirem nesse encalço em busca de um resgate dessa memória literária condenada. Eu acredito que somente assim poderemos iniciar nosso longo processo de construção de um país do futuro.